

**A REENCARNAÇÃO DE SANTA ORLAN: UM DISCURSO ARTÍSTICO SOBRE  
A CONDIÇÃO DO CORPO FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE**

Eliezer Pandolfo da Silva (URI)<sup>1</sup>

Tatiane Vaz (URI)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo parte da compreensão da *performance* e da *body art* como artes contemporâneas de ressignificação do corpo, que resultam de um processo complexo de relação do homem com o corpo ao longo dos tempos. As novas possibilidades contemporâneas de reconfiguração biotecnológicas do corpo (LE BRETON), o tornaram uma espécie de identidade provisória (MEDEIROS) quase com um potencial infinito de transformação que já anunciada a sua total reposição e reconfiguração pós-humana (SANTAELLA; SIBILIA). Condição essa que repercute na arte contemporânea, que ao utilizar o corpo como suporte problematiza e coloca em discussão o status do atual do corpo na ciência, na sociedade, na política, na economia, na cultura e na própria arte. Sob essa perspectiva analisaremos a performance multimídia *A reencarnação de Santa Orlan*, da artista performer francesa Santa Orlan, visando desvelar como a artista ao ressignificar o próprio corpo através de intervenções cirúrgicas coloca em evidência várias questões contemporâneas relacionadas ao corpo, mas problematiza a posição do corpo feminino em uma sociedade que tem aversão ao envelhecimento e à gordura (SIBILIA). Em sua performance, Orlan mostra que o corpo foi e ainda é o resultado de flagelos, manipulações e desejos reprimidos, resultado de questões sociais, políticas, econômicas e culturais que sobre ele atuam. Este corpo, constantemente invadido e manipulado seja pela violência da opressão heteronormativa, que deseja controlá-lo, seja pelas biotecnologias, que desejam modelá-lo conforme os padrões estéticos vigentes. Assim, de maneira extrema e politicamente engajada, embasada em seu manifesto seu *L'Art Charnel* (1990), a obra de Orlan vem causar o estranhamento e o desconforto que a arte nos causa ao colocar frente a nós um espelho no qual podemos nos ver.

**Palavras-chave:** Corpo. Performance. Santa Orlan.

Ao longo dos tempos, as pesquisas buscaram definir, conceituar e estabelecer significâncias sobre várias situações e objetos. Estas pesquisas discutem desde como funcionam, como se mantêm, de que forma agem e de que forma permanecem

<sup>1</sup> Mestrando em Letras- Literatura Comparada (URI)

<sup>2</sup> Mestranda em Letras- Literatura Comparada (URI)

imanes na contemporaneidade. Um objeto que constantemente está em pauta e anseios por relevância é o corpo. Sabemos que o interesse para com ele vem das mais antigas civilizações, uma vez que

O corpo como objeto subjetivo e extremamente expressivo, carrega consigo um histórico que pretende defini-lo ao longo dos anos. Na Grécia Antiga, o corpo era bastante discutido, apesar de assuntos como a Política e a Ética serem considerados mais relevantes pelos pensadores da época. Alguns filósofos como Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347) e Aristóteles (384 a 322 a.C.), que viveram na sociedade grega antiga, também discutiam sobre esse assunto. (CASSIMIRO, GAUDINO, SÁ, 2012, p. 65).

Estes pensadores, vanguardistas em relação ao seu tempo, já argumentavam sobre as situações que o corpo provoca e se envolve. Para Cassimiro, Gaudino e Sá (2012) se pensarmos como Sócrates, entenderemos que ele possuía uma visão integral de homem, julgando como importante tanto o corpo quanto a alma para o processo de interação do homem com o mundo, reforçando assim a ideia de que quaisquer fatores ligados ao corpo/indivíduo seriam homogêneos. Diferentemente, Platão possuía uma visão mais dicotômica, na qual o corpo servia de prisão para a alma. As abordagens destes dois filósofos serviram para demonstrar as diferentes concepções de corpo tomadas ao longo da formação da sociedade ocidental, ocasionando um entendimento sobre dimensões importantes na construção social, cultural e histórica. Ao longo dos séculos estas concepções tomam proporções maiores e as definições acerca do objeto corpo se expandem nos mais diferentes campos dos saberes.

O corpo humano passou a ter um papel importante dentro da sociedade contemporânea. Ao longo do século XX, o mesmo ganhou evidência por meio das novas tecnologias e, principalmente, através do marketing de produtos e de estilos de vida, e o desejo de obter a perfeição física exigida pela mídia e pela indústria consumista com seus exagerados padrões de beleza, se arrasta ao longo dos tempos. Daolio (1995) afirma que o controle sobre o corpo se faz necessário para a existência da cultura, apesar de ser variável entre as sociedades ao longo do tempo. A sociedade atual valoriza determinado padrão corporal, e os anseios para se enquadrar nestes ideais de beleza suportam muitas vezes, o insuportável, pois mesmo com todos estes esforços se percebe que os corpos se diferenciam uns dos outros.

Se refletirmos sobre a construção da imagem corporal, perceberemos que ele é construído historicamente, e sendo construído historicamente temos a possibilidade de

1 Mestrando em Letras- Literatura Comparada (URI)

2 Mestranda em Letras- Literatura Comparada (URI)

identificar bem o significado ou a percepção do que vem a ser corpo para cada da história da humanidade.

Dessa forma, concordamos com Rodrigues (1979) quando nos diz que o corpo humano é socialmente concebido e estruturado, provocando assim uma análise da representação social do corpo, o que ocasiona inúmeras possibilidades de entender que as sociedades apresentam em suas concepções características próprias e peculiares, o que reflete diretamente na concepção corpórea da mesma.

O corpo é um agente infiltrado nas relações que se estabelecem dentro de uma sociedade, provocando assim uma conexão ordenada do mundo a que pertence, ou seja, o corpo é responsável por possibilitar tais relações entre os indivíduos e a cultura vigente. Então, KOFES (1985) vem reforçando esse ponto de vista, afirmando que o corpo é expressão da cultura, portanto cada cultura vai se expressar através de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura. Assim, a cultura, como outros fenômenos sociais, não pode ser discutida dicotomicamente, pois o todo do processo cultural se relaciona dentro da mesma linha de cada sociedade. Dessa forma, quando buscamos entender como o corpo é visto dentro de determinada cultura, estamos tentando compreender como a sociedade funciona.

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra e Rodrigues (1986) afirma que "(...) nenhuma prática se realiza sobre o corpo sem que tenha, a suportá-la, um sentido genérico ou específico". As imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, os grandes feitos que ele pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incansavelmente variados, contraditórios até mesmo em relação à lógica, pois "O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem". (LE BRETON, 2009, p. 70).

É importante ressaltar que a busca desenfreada para se enquadrar no padrão ideal de beleza nos dias atuais ainda é um fato, a busca pela perfeição do corpo e a eterna juventude desenfreada acontece a qualquer custo. Nossos bisavós, por exemplo, não experimentaram o que hoje se chama de terceira idade. A terceira idade é, de certa maneira, medicada para amenizar os efeitos e as marcas do tempo. Podemos dizer que é um grupo de pessoas que trazem no corpo as marcas de muitos processos culturais e

1 Mestrando em Letras- Literatura Comparada (URI)

2 Mestranda em Letras- Literatura Comparada (URI)

sociais. É um corpo ensinado a se cuidar, a se preservar, um corpo regrado e doutrinado a ser belo, forte e jovem.

Partindo deste pensamento, adentramos especificamente no universo do corpo feminino, corpo este que tem por marca histórica e social, a doutrinação, segregação e mistificação. O corpo da mulher, mais que o homem, sempre esteve condicionado a regras severas e específicas que o condicionavam de tal forma que seria impossível respeitar aos seus anseios naturais. Desde os mais remotos tipos de movimentação eram abdicados de liberdade e o discurso que se firmava sobre este corpo era de pura passividade. Discutir e refletir sobre este corpo era algo inconcebível, e politicamente inaceitável.

Uma forte aliada no processo de consciência e ascensão nas propostas de discussão e reflexão sobre o corpo feminino foi a Arte. Desde as mais remotas pinturas, que já representavam este corpo jovem e nu com determinados propósitos, até meados da década de 60/70 do século XX quando manifestações artísticas como a Body Art e a Performance colocaram com precisão e pauta impreterível o corpo na lista das preferências. Nestas décadas muitas performances realizadas já traziam o corpo (feminino) como algo mutável e questionavam a sua legitimação. Sendo assim, a ideia de que o corpo é algo mutável e efêmero, traz a possibilidade de exploração, e muitos artistas em suas performances e instalações traziam seu próprio corpo como uma superfície de transformação e de criação, fazendo com que as pessoas se sentissem convidadas a olhar e refletir sobre os corpos, onde algo tão próximo, porém tão longe do indivíduo começasse a fazer sentido.

Como destaque neste processo de performance envolvendo a desmistificação, ressignificação e apropriação do corpo feminino temos a artista Santa Orlan, performer viva de origem francesa, cria um projeto intitulado de Carnal Arte, onde “*Contrary to Body Art, which is a different matter altogether, Carnal Art does not long for pain, does not seek pain as a source of purification, does not conceive it as a redemption. Carnal Art takes no interest in the result of plastic surgery, but in the process of the surgical-operation performance and the modified body having become the subject of public debate.*” (<http://www.orlan.eu> Acessado em 18 agosto 2016 ). É um projeto direcionado à tradição do autorretrato, onde a artista retira seu corpo feminino do silêncio da preconceituosa sociedade artística e o coloca como objeto central de suas performances.

1 Mestrando em Letras- Literatura Comparada (URI)

2 Mestranda em Letras- Literatura Comparada (URI)

O enunciado em inglês acima nos diz que “Contrariamente à arte do corpo , que é um assunto completamente diferente , a Carnal Art não por muito tempo será somente para a dor, não busca a dor como uma fonte de purificação, nem concebê-la como uma redenção . A Arte Carnal não tem interesse no resultado da cirurgia plástica , mas no processo do desempenho de operação cirúrgica e o corpo modificado tendo-se tornado o assunto de debate público.” Dessa forma, entendemos que um dos principais objetivos desse projeto é evidenciar o corpo suporte possível e passível de transformação. Sendo assim,

Mais que interessar-se pelo resultado final, a artista centra-se nas performances-cirúrgicas que são preparadas cuidadosamente: a sala cirúrgica é transformada na reconstrução da obra de arte, a partir da qual a artista realiza sua apropriação/transformação. As cirurgias são documentadas em vídeo e fotografia que, conjuntamente com seu corpo, compõem o todo da obra idealizada pela artista, sendo apresentadas em museus e galerias de arte. (MEDEIROS, 2009, p. 37)

Na verdade, a Carnal Arte é resultado teórico em forma de manifesto a partir de uma performance desenvolvida por Orlan intitulada “A Reencarnação de Santa Orlan”, objeto de estudo desta pesquisa. Esta performance consistia em outro projeto de arte que envolve cirurgias plásticas com a finalidade de transformar o rosto da artista.

Estas performances cirúrgicas foram realizadas durante a década de 1990 e pode ser considerado um projeto de arte que evidencia a recriação da figura da mulher.

Dessa forma o texto evidencia seus pensamentos, ideias, valores, aspectos e características de sua arte, além de revelar conceitos e desenvolvimentos que exerce no processo de criação. Nele, a artista descreve que seu corpo é tomado como matéria plástica, na medida em que reivindica o direito de abordá-lo na sua materialidade.

Orlan realizou inúmeras pesquisas antes de iniciar seu projeto. Consultou até um psicanalista, e este a orientou sobre a possibilidade de cometer um suicídio ao utilizar seu corpo como base para essas intervenções, proibindo-a de prosseguir com o trabalho. Mesmo com a advertência, ela submeteu-se às intervenções.

Com as referidas intervenções cirúrgicas, Orlan busca recriar sua aparência e transformá-la em um novo ser composto de partes selecionadas propositalmente de obras consideradas tipos de beleza clássicos, tais como: a boca de Europa de Boucher, os olhos de Psiquê de Gerome, a testa de Mona Lisa pintada por Da Vinci, o nariz da

1 Mestrando em Letras- Literatura Comparada (URI)

2 Mestranda em Letras- Literatura Comparada (URI)

escultura de Diana (Fontainebleau) e o queixo da Vênus de Boticelli e compõe com eles - com o auxílio de um software - um modelo virtual em 3D.

O mais interessante neste processo é a possibilidade verdadeira de interação com o público, pois

Os espectadores podem telefonar para a artista colocando as mais diversas perguntas, sempre com um estilo diferente. Ao misturar estas personagens mitológicas faz surgir uma personagem híbrida que não procura a beleza ou a juventude; ao escolhê-las Orlan não deseja entrar para o livro de recordes em operações plásticas nem sequer ser parecida com as personagens, como é acusada pelos vários meios da comunicação da especialidade. Elas são uma inspiração pelo seu contexto histórico e pelo seu valor representativo. (DUARTE, <http://bocc.ubi.pt/pag/Duarte-Eunice-Orlan.html>, s/a)

A artista traz para debate público a condenação do corpo feminino às prescrições sociais, sendo a beleza feminina produzida com sacrifícios que se relacionam com adequações, modificações e montagens que visam criar um corpo, que deve personificar o belo, para as emoções e prazeres do desejo masculino, fazendo uma crítica feroz ao sistema patriarcal e machista. O corpo em processo de Orlan através das transformações permanentes a que se submete manifesta o desejo de interrogar a natureza irredutível do corpo, questionando-a a partir de sua carne. Em acordo com Medeiros (2009),

A artista não deseja sofrer, ela observa o próprio corpo aberto sendo manipulado e nada sente, ao contrário do espectador, que sofre ao assistir o corpo da artista ser aberto cirurgicamente, ter suas carnes expostas e manipuladas, e ver o sangue fluir.

Medeiros (2009) ainda aponta que “Durante uma das cirurgias Orlan se dirigiu aos espectadores: “Sinto fazê-los sofrer, mas lembrem-se, eu não sofro nada. Só sofro como vocês: quando vejo as imagens”.”

Séculos de preconceito contra a produção artística das mulheres devem ser revistos quando uma artista como Orlan retira o seu corpo, o corpo feminino, do silêncio da preconceituosa sociedade artística e o coloca como objeto central de suas performances, o violando, o cortando, o repaginando. A artista é um monumento vivo às mulheres e suas representações, geralmente realizadas por homens, inseridas numa estrutura patriarcal da arte. Os objetos cirúrgicos utilizados também são apresentados em suas exposições, podendo ser metaforicamente lidos como chagas da memória sociocultural da mulher – assim como o seu processo de recuperação dos cortes, todos registrados através de fotografias e também expostos.

1 Mestrando em Letras- Literatura Comparada (URI)

2 Mestranda em Letras- Literatura Comparada (URI)

## Referências

CASSIMIRO, Érica Silva, GAUDINO, Francisco Flávio Sales, SÁ, Geraldo Mateus de. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da gregia antiga à contemporaneidade**. Revista Eletrônica Metávola, São João del-Rei/MG, n. 14, 2012. Disponível em [http://www.ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/revistalable/4\\_GERALDO\\_CONFERIDO.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf). Acessado em 19/08/2016.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995.

DUARTE, Eunice Gonçalves. **Orlan do outro lado do espelho**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/Duarte-Eunice-Orlan.html>. Acesso em: 26/11/2015.

KOFES, S. *E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou o discurso desse corpo sobre o qual se fala*. In: BRUHNS, H.T.(org.). *Conversando sobre o corpo*. Campinas, Papyrus, 1985.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2003.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MEDEIROS, Rosângela Fachel . **O corpo como identidade provisória: corpo, tecnologia e arte**. 34 R. DA FUNDARTE, Montenegro, ano 9, n. 18, julho/dezembro 2009.

RODRIGUES, J.C. *Tabu do corpo*. 4.ed. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.

ORLAN. Manifeste de l'Art Charnel. 1999. Disponível em: <http://www.orlan.eu> Acesso em: 19/11/2015.

<http://www.orlan.eu>. Acesso em: 19/11/2015.

1 Mestrando em Letras- Literatura Comparada (URI)

2 Mestranda em Letras- Literatura Comparada (URI)